

# O Vale em Guerra

## O FORTIM

AINDA hoje, oito anos passados, as ruínas do fortim dão idéia da vida e da atividade que se desenvolvia por trás dos altos muros de terra. As chuvas já desgastaram um tanto os paredões, as barracas de madeira e tudo mais de utilidade foi desmontado e levado embora.

Do alto do paredão de pedra domina-se a vizinhança tôda; em baixo, serpenteia a estrada, descendo do norte, passando por entre as ruínas da outrora grande aldeia, cortando depois a planície em linha reta, em direção ao sul.

A forma da colina foi muito bem aproveitada. De longe, à primeira vista, é difícil mesmo advinhar que exista uma fortificação em cima, pois as muralhas de terra formam continuação normal com a elevação, e as posições estão muito bem camufladas; ao redor da colina, uma larga extensão de terras sem irregularidades, dificultando sobremaneira o ataque. Anda-se ao redor da fortificação, duas largas cêrcas de arame farpado. No tempo da guerra, semearam-se minas entre elas. A entrada, muito bem disfarçada, e protegida por uma "cêrca russa": diversas linhas de arame farpado, a 10 cms. do chão, formando um pentágono, e fechando tôda a entrada, o que impossibilita um ataque de surpresa; dentro, dois quilômetros de labirintos de trincheiras, com passagens, esconderijos laterais, inter-comunicações. Subterrâneos por toda parte, para sala de comando, telefone, ataques aéreos, feridos, etc. As construções, tendas e barracas, ficavam numa depressão do terreno, invisíveis, pois, de fora.

Anda-se até a muralha exterior: encravados em cinco cantos, cinco posições, com lugar para uma metralhadora e diversos atiradores; construídas com grossas toras de madeira e tão bem camufladas que não se diferenciavam em nada do resto da parede; além disso, mais dez posições auxiliares.

Pelo acampamento, ferros retorcidos, granadas estragadas, restos de garrafas Molotov.

Tudo em ruínas. As minas entre as cêrcas de arame farpado foram retiradas há muito tempo, e logo mais, o que ainda resta será levado também.

Os restos do fortim dominam os restos da aldeia árabe. Duas ruínas se contemplam, duas lembranças de uma guerra já histórica. Mais um pouco e desaparecerão os últimos sinais de ambas, e o maior símbolo da paz, o arado, sulcará o solo, cobrindo as derraideiras cicatrizes do passado.

\* \* \*

— O K.K.L. comprara 300 dunams de terra, no cimo da colina, e a Palmach erguera o fortim, em abril de 1948. Fora típico: de noite haviam chegado dez tratores pesados, buldozers, levantado uma parede de terra de dois metros de altura. No mesmo dia, 50 trabalhadores cercaram o pentágono com duas largas barreiras de arame farpado. No espaço entre as duas barreiras, foram semeadas minas. No muro de terra instalaram-se cinco posições para metralhadoras e atiradores. Tudo não levou mais de dois dias, e a base da fortificação estava pronta. Depois, começou-se a cavar trincheiras, construir tôdas as disposições internas, trabalho que nós prosseguiríamos durante oito meses.

— A estrada que dominávamos da posição, passava pelo meio do povoado. Tratava-se da aldeia Brer, conhecida pela sua agressividade. Estrada de primeira importância, construída durante a 2ª guerra mundial, e que partia da encruzilhada de Julis, ao norte, até Gaza, a cêrca de 50 quilómetros, mais ou menos. Os árabes da aldeia, todos armados, impediam qualquer passagem pela rodovia. Para garantir-se contra veículos blindados, haviam-na cortado em dois lugares, com profundas valetas. Resultado: estava fechado o caminho para o Neguev, e 18 pontos nossos, espalhados pelo sul, ficaram isolados.

— Houve uma só saída: construir uma estrada de emergência, que partia de Gat, 20 km. ao norte, dava uma larga volta por trás, e desembocava no meio da planície, a dois quilómetros da aldeia. Para proteger êste desvio se erguera o forte, base de nosso futuro *kibutz*, mas por enquanto apenas um parco ponto a ser defendido com unhas e dentes.

— Mas estava o forte realmente em condições de oferecer resistência séria?

— Mais tarde, quando recebemos suficiente armamento, estava. Durante oito meses não fizemos outra coisa senão construir subterrâneos e trincheiras. A posição, do ponto de vista estratégico, estava magnificamente colocada. O forte possuía respeitável capacidade de fogo, e estava bastante bem defendido. Mesmo quando mais tarde sofremos ataques aéreos, não tivemos mais que dois feridos leves.

— Os quarenta homens da Palmach ficaram convosco?

— Por duas semanas ainda. Os árabes estavam articulando uma ação em grande escala, e a Palmach preparava-se para enfrentá-los. Iniciou-se a guerra psicológica. Volta e meia saíam, pegavam algum árabe de surpresa. Traziam-no para dentro da fortificação, de olhos vendados, despiam-no, encerravam-no durante três dias em algum calabouço frio e escuro, sem comida, sem água, sem roupa. Vozes do escuro (grande parte dos egípcios fala árabe) ameaçavam torturas e desgraças. Depois de três dias, era pôsto para fora. Afinal, eram homens de mentalidade primitiva. Corriam para a aldeia, como se o próprio diabo os perseguisse. E o que contavam lá, avalio pelos efeitos posteriores.

— Mas eram cinco mil, e estavam armados! Porque não contra-atacaram imediatamente?

— O árabe não suporta a guerra psicológica. O repentino surgimento do forte deve tê-los desnortado muito, e as histórias dos que voltavam ajudaram mais ainda. Aliás, eles estavam recebendo reforços militares dos egípcios, e certamente aguardavam um momento propício. Mas também a atividade da Palmach estava dentro de um plano. Nada se fazia por esporte. Espere para ouvir e que aconteceu.

## O ATAQUE

— No DIA 15 de maio, à tarde, foi proclamado o Estado de Israel. No dia 16, começou a guerra. Mas em nossa região, ela começou três dias antes, no dia 13. E quem a começou fomos nós.

— No dia 12, chegaram ao forte mais 40 homens da Palmach. O total, pois, perfazia 80. Soubemos que já havia tropas egípcias na aldeia, mais de cinquenta soldados, infiltrados durante as noites

anteriores. A Haganá resolveu não esperar pela ação dos árabes, mas atacar ela. Aliás, estava claro que a guerra se iniciaria logo após a proclamação de Estado.

— Durante o dia 12, começou o bombardeio da aldeia. Um morteiro nosso começou a atirar, poucos tiros, 3 a 4 por hora, mas sem interrupção, o dia todo. Na noite de 12, a Palmach saiu do forte e nós ficamos de prontidão. Aqueles oitenta loucos iam atacar Brer, com seus 5000 árabes!

— Quando raiou a madrugada, divisamos, do outro lado da estrada, três ou quatro automóveis blindados, uma fôrça meramente psicológica, conforme vimos depois, e os homens da Palmach atrás. Logo começaram a atirar contra o povoado. Do forte, uma metralhadora e o morteiro funcionando. Os árabes responderam com vigoroso fogo. A aldeia tôda, entrincheirada nas casas, pusera-se em pé de guerra. Mas lentamente nossos carros iam avançando, avançando...

— Foi de repente: De um segundo para outro, a estrada, antes calma e vazia, fervilhava! Olhamos bem, espantados: uma massa viva, homens, mulheres, crianças, burros, camelos, cachorros, galinhas, cabras! Esparramavam-se em todas as direções, para o sul, em direção a Sum-sum, para o norte, em direção a Chulikat! Que espetáculo, aquela estrada coalhada de seres vivos! E como corriam! Estavam todos fugindo! A Palmach entrou, ocupou a aldeia. Não sobrara ninguém. Sistemáticamente, começaram a incendiar as casas. O sol não estava alto ainda, e já a aldeia tôda ardia em chamas.

— Mas, e os soldados egípcios que já se encontravam em Brer?

— Quando êles viram que todos corriam, resolveram ser sensatos: correram também...

— Tendo aprendido como era fácil, os homens da Palmach resolveram aproveitar o dia. Nêste e no dia seguinte, tôdas as aldeias, num largo raio, notórias tôdas elas pela sua agressividade nos meses que haviam passado, foram limpas e incendiadas. Havia algumas que já eram encontradas vazias. Gente de Brer tinha passado lá, contando da nova desgraça que Alá lançara sôbre seus fiéis... As casas estavam cheias de coisas, utensílios, grão amontoado pelos cantos. Duas semanas arderam as aldeias, e durante a noite o céu era iluminado pelos povoados em fogo da região.

— Logo em seguida, começou para nós o período mais duro de tôda a guerra, e houve períodos bem duros. Não por causa dos

egípcios — por causa das pulgas. Eu explico: com a conquista da aldeia, nosso nível de vida melhorara muito. “Gunga Din”, o caminho, trazia-nos água e comida de Nir Am, e pode crer, vinha bem pouca. Mas na aldeia não faltavam nem galinhas, nem outras coisas para comer; acontece, porém, que quem entrasse dentro das casas, ou melhor, dos destroços, saía negro, mas negro de pulgas, dos pés à cabeça. Eu não sei como viviam aqueles árabes, mas as pulgas se haviam desenvolvido aos milhões.

— Para desgraça nossa, fomos introduzir isso em nosso acampamento. Durante três semanas, ninguém comeu, ninguém trabalhou, ninguém dormiu. Arrastávamo-nos feito sonâmbulos, enlouquecidos, caçando, sem êxito algum, pulgas e mais pulgas. Todos adoeceram, infeccionados de tanto coçar. Penicilina não havia, nem D.D.T. Mandamos um apêlo de emergência. Apenas três semanas mais tarde, quando recebemos D.D.T., conseguimos dominar a situação. Aquelas semanas foram das piores que já tive na vida.

## TEMPOS DE GUERRA

— COM o desenvolvimento da guerra, transformamo-nos em ponto de ligação de grande importância. Os egípcios nos haviam cortado a retaguarda, ao norte, e estavam atacando Negba, para depois juntar-se com os jordanos, que desciam de Hebron, e dividir o país em dois. Éramos um dos pontos de contacto da população ao sul, e do fortim partiam as tropas que atacavam pelo sul o assedio de Negba. Instalou-se no fortim um hospital de emergência, de onde os feridos eram depois transportados para Nir Am.

— Houve ocasiões históricas. Uma delas, quando chegaram os defensores do *kibutz* Iad Mordechai, vindos a pé, depois do abandôno do lugar; eram obrigados a se retirar após aguentarem um tremendo assedio de artilharia pesada, aviação, tanques. O *kibutz* ficara completamente reduzido a escombros. Só quando não houve esperanças de enfrentar por mais tempo o aparato de guerra que os egípcios haviam concentrado contra a colônia, êles se retiraram. A recepção aos 120 *chaverim* teve caráter particularmente solene. Quando proseguiram em direção ao norte, receberam ordens para deixar as armas. Desde então, estivemos bem abastecidos de armamento.

— Para nós, a guerra desenvolvia-se de forma pouco espetacular,

mas não foi um período que se deseje a ninguém. Não fomos atacados, por exemplo. Os egípcios fotografaram o fortim do ar, e chegaram à conclusão de que não valia a pena atacar.

— Por que?

— Não se esqueça, batalhas mesmo foram travadas apenas ao redor de três pontos, três *kibutzim*, Iad Mordechai, Nitzanim e Negba. Lá, haviam eles sofrido pesadas perdas em homens e material. E tratava-se de *kibutzim*, não fortins. Idéia de nosso pequeno número, eles não tinham, e o ponto, verdade seja dita, era realmente uma posição difícil de conquistar. Resolveram ser prudentes.

— Em que condições vocês viviam?

— Difíceis. Passávamos dia após dia na expectativa do ataque. Dia e noite treinávamos, a prontidão era constante. Durante meses, dormimos sem tirar as botinas e de fuzil na mão. A água escasseava, Gunga Din, o caminhão, saía o menos possível. Mal tínhamos para beber; uma vez por semana, tomava-se banho: algumas canecas de água que um companheiro derramava. Não podíamos lavar roupa; o primeiro mês, não tiramos a roupa do corpo, sequer. Comida, sempre latas, até não mais podermos vê-las. E quando veio o inverno, as trincheiras encheram-se de água, e houve que aguentar assim mesmo. Meses passamos fechados na pequena fortificação, setecentos metros de diâmetro, no calor, na chuva, sem poder sair, esperando um ataque a todo momento . . .

— Um homem aprende a contentar-se com pouco, a encontrar satisfação em coisas pequenas: criamos algumas pombas; observar seu vôo sobre o fortim, era um dos melhores prazeres que eu me lembro ter conhecido.

— E o ambiente coletivo?

— Em tais condições, os homens se animalizavam. Lutávamos por guardar as pequenas coisas da civilização. Por exemplo, o decôro no refeitório: não se entrava sem camisa. Sabe o que é exigir de um homem que não toma banho direito nem se barbeia há meses, suado, sujo, cansado, sedento, o ter de vestir uma camisa para vir comer? Zelávamos cuidadosamente, também, pela comemoração das festividades nacionais. E você nem imagina a importância que adquiriam estas coisas.

— E, além disso, o que era do outro grupo, que ficara em Raanana? Afinal, não éramos apenas soldados guardando uma posição, mas *chaverim* de *kibutz* que haviam saído para colonização. Durante

meses não houve um contacto sequer. Casais ficaram separados, tinha-se poucas notícias, parte dos *chaverim* foram para diversos lugares, trabalhar e lutar, e isso causou não poucos problemas internos no grupo. Mais tarde, vieram mais dez companheiros nossos para o fortim, atravessando, à noite, as linhas egípcias. E assim fomos até à trégua.